



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**NÍVEIS DE EXPOSIÇÃO E REVELAÇÃO ONLINE E
EXPERIÊNCIAS DE VITIMAÇÃO**

Trabalho submetido por
ALEXANDRE JOSÉ MOURA GOMES
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por
Prof. Doutora Ana Cristina Neves

dezembro de 2019



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**NÍVEIS DE EXPOSIÇÃO E REVELAÇÃO ONLINE E
EXPERIÊNCIAS DE VITIMAÇÃO**

Trabalho submetido por
ALEXANDRE JOSÉ MOURA GOMES
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por
Prof. Doutora Ana Cristina Neves

dezembro de 2019

Agradecimentos

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio direto e indireto de múltiplas pessoas às quais estou profundamente grato. Correndo o risco de injustamente não mencionar algum dos contributos quero deixar expresso os meus agradecimentos:

- À orientadora desta investigação a Professora Doutora Ana Cristina Neves, pela orientação prestada desde o início até ao término, uma ajuda fundamental, sem a qual não teria sido possível concluir este trabalho, pelo apoio demonstrado nas fases mais difíceis, por toda a disponibilidade, conselhos, uma enorme paciência,
- A todo o corpo docente do Licenciatura de Psicologia e do Mestrado de Psicologia Forense e Criminal desta mui nobre academia, com os quais adquiri um enorme e apaixonante conhecimento pela área,
- À Associação de Estudantes do Instituto Universitário Egas Moniz (anteriormente, AEISCSEM), por uma enorme aprendizagem noutras áreas que só uma excelente associação pode transmitir aos alunos, por todos os bons momentos nela passados,
- À Tuna Académica da Egas Moniz (Tintuna), por todos os bons momentos, camaradagem e aprendizagem,
- À Casa do Finalista (CDF) por ter tornado o último ano da Licenciatura um dos melhores que passei na faculdade,
- Aos meus Amigos, por todos os cafés, por serem bons ouvintes, por toda a paciência e ajuda,
- Aos meus Pais, pois “simplesmente” sem eles nada seria possível,
- À Raquel Silva Cardoso, por uma enorme paciência, pela força, por todo o carinho, pelas horas de espera, pela companhia, por toda a compreensão e porque se ultrapassei todos os períodos complicados ao longo dos últimos anos académicos a ti o devo, foste e és incansável,

Um muito obrigado.

Resumo

A presente investigação, teve como objetivo compreender de que forma os níveis de exposição online e revelação online têm impacto na vitimação, quer online quer no mundo real. Pretendeu-se também verificar de que forma estes parâmetros estão associados com o cyberstalking.

Reuniram-se 418 participantes, os quais responderam aos questionários de Exposição Online, que permite compreender qual a frequência e o tipo de comportamentos online praticados pelos indivíduos no espaço de uma semana, Revelação Online, instrumento que permite compreender qual a probabilidade de um indivíduo partilhar determinadas informações pessoais no mundo *online*, Escala de Avaliação de Cyberstalking tendo em vista perceber se uma pessoa foi alvo deste tipo de crime, e Questionário de Vitimação, como forma de saber quais os tipos de crimes que as pessoas sofreram ou não nos últimos cinco anos.

Os resultados obtidos permitem aferir que as pessoas que têm mais comportamentos e partilham mais informações online, têm uma maior probabilidade de ser alvo de crimes, sejam estes crimes online ou no mundo real (*offline/fora da rede*). Verifica-se que os níveis de comportamentos online têm influência preditiva na probabilidade de alguém ser alvo de um crime tanto online ou *offline*. Constata-se também que a utilização negligente da internet leva a mais crimes, tanto em contexto online como no mundo real. As pessoas que tiveram uma maior frequência de comportamentos na internet sofrem mais crimes, sejam estes em contexto online ou *offline*, estas vítimas são sobretudo as que mais partilham informações pessoais na internet. A Teoria das Atividades Rotineiras também se aplica ao contexto da internet, uma vez que foi observada uma clara ligação entre as atividades efetuadas online e os crimes perpetrados na internet e fora desta.

Como estudos futuros, propõem-se conseguir uma amostra mais robusta da população que tenha sido alvo de crimes online e *offline* de forma a ver se existe uma ligação entre estes crimes e o facto de se expor ou revelar na internet.

Palavras chave: Exposição Online, Revelação Online, Cyberstalking, Teoria das Atividades Rotineiras, Vitimação

Abstract

This research aimed to understand how online exposure levels and online disclosure impact victimization, both online and in the real world. It was also intended to verify how these parameters are associated with cyberstalking.

418 participants gathered and answered the Online Exposure questionnaires, which allows us to understand the frequency and type of online behaviors practiced by individuals within a week, Online Revelation, an instrument that allows us to understand how likely an individual is to share certain personal information in the online world, Cyberstalking Rating Scale to understand if a person has been targeted for this type of crime, and Victimization Questionnaire as a way of knowing what types of crimes people have suffered or not in the last five years.

The results show that those who behave the most and share the most information online are more likely to be the target of crimes, whether these crimes are online or in the real world (offline / offline). Online behavior levels are found to have a predictive influence on the likelihood of someone being targeted for crime either online or offline. It is also found that careless use of the internet leads to more crime, both online and in the real world. People who have had a higher frequency of behavior on the Internet suffer more crimes, whether online or offline, these victims are mostly those who share personal information on the Internet. The Theory of Routine Activities also applies to the context of the Internet, as a clear link has been observed between online activities and offenses on the Internet.

As future studies, it is proposed to get a more robust sample of the population that has been the target of online and offline crimes in order to see if there is a link between these crimes and the fact that they are exposed or revealed on the internet.

Keywords: Online Exposure, Online Disclosure, Cyberstalking, Routine Activity Theory; Victimization

Índice

Resumo	1
<i>Abstract</i>	3
Índice de tabelas	5
Lista de Abreviaturas.....	7
Introdução	11
Criminalidade e atividades rotineiras	11
Exposição Online e Revelação Online.....	15
Ciberstalking	15
O presente estudo.....	17
Método.....	19
Participantes.....	19
Instrumentos.....	19
Exposição Online	20
Revelação Online	20
Escala de Avaliação de Ciberstalking	20
Questionário de vitimação.....	20
Questionário sociodemográfico.....	21
Procedimento	21
Resultados.....	23
Caracterização dos níveis de Exposição Online e Revelação Online	23
Características sociodemográficas, Exposição online e Revelação online	23
Utilização das redes sociais, exposição online e revelação online	25
Caracterização da Vitimação	26
Características sociodemográficas e tipos de vitimação	27
Utilização das redes sociais e vitimação	27
Exposição online, revelação online e vitimação	29
Conclusão	45
Bibliografia.....	47
Anexos	

Anexo A- Questionário Sociodemográfico

Anexo B- Exposição Online

Anexo C- Revelação Online

Anexo C - Revelação Online

Anexo D- Escala de Avaliação de Cyberstalking

Anexo E- Questionário de Vitimação

Índice de tabelas

Tabela 1 - Vítimas de crimes nos últimos cinco anos e alvo de cyberstalking

Tabela 2 - Associação entre o número de redes sociais e ter sofrido de cyberstalking

Tabela 3- Correlações entre a pontuação total do cyberstalking, os fatores e Revelação Online

Tabela 4- Modelos de Regressão Logística para previsão de ser vítima de um crime online ou não ser vítima de crime

Tabela 5- Modelos de Regressão Logística para previsão de ser vítima de um crime offline ou não ser vítima

Tabela 6- Modelos de Regressão Logística para previsão de ser vítima por cyberstalking ou não ser vítima

Tabela 7 – Resumo dos Resultados

Lista de Abreviaturas

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O crescimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que se assiste, nos últimos 20 anos, tem vindo a alterar significativamente a vida quotidiana das pessoas. A Internet, por exemplo, veio modificar significativamente a rotina diária de milhões de pessoas assim como o tipo de interação social (Reyns, Henson, & Fisher, 2011). Estima-se que cerca de 92% dos estudantes universitários utilize as redes sociais e tenha acesso à internet (Kennedy & Taylor, 2010). O impacto do recurso a estas tecnologias verifica-se não só nos contextos académicos e profissionais, mas também a nível pessoal (Cardoso & Lapa, 2015; Pires, Sani, & Soeiro, 2018; Worsley et al., 2017; Wright, 2018). Contudo, as mudanças tecnológicas não contribuem apenas para facilitar as atividades da vida diária, podendo ser exploradas para fins criminosos e desviantes (Yucedal, 2010). Compreende-se, portanto, a forte associação proveniente das tecnologias para com a vitimação, pois proporcionam novas formas de infligir perigo a outros indivíduos, seja de uma forma intencional ou não (White & Carmody, 2018).

A presente investigação tem como objetivo compreender se a forma como as pessoas se expõem na Internet tem impacto na vitimação, no mundo virtual, mas também no “mundo real”.

Criminalidade e atividades rotineiras

A compreensão da criminalidade à luz dos hábitos de vida da sociedade é uma das abordagens clássicas da Criminologia. Neste âmbito, Cohen e Felson (1979) desenvolveram a Teoria das Atividades Rotineiras, uma teoria que parte do pressuposto que a ocorrência de um crime resulta da interseção de três fatores ou condições: um alvo acessível e atraente, a presença de um agressor motivado e a falta de um protetor capaz de impedir que os crimes ocorram. Nesta lógica de oportunidade, há rotinas que expõem os indivíduos a uma maior criminalidade. À data de desenvolvimento da teoria, foram enfatizadas aquelas que ocorrem fora de casa, observando-se que pessoas que passavam mais tempo em lugares públicos, especialmente durante a noite, e sozinhas seriam mais propensas a ser vítimas de crimes (Cohen & Felson, 1979; Messner & Tardiff, 1985; Miethe, Stafford, & Long, 1987). As rotinas, por sua vez, estão relacionadas com o estilo de vida dos indivíduos e com as expectativas associadas aos seus papéis sociais (Hindelang et al., 1978). Por exemplo, um homem solteiro pode passar mais tempo em lugares públicos durante a noite, enquanto um idoso casado provavelmente passará a maior parte do tempo em casa com a família. Da relação entre as atividades rotineiras e o

estilo de vida resultou a teoria do estilo de vida-atividades rotineiras (*lifestyle-routine activities theory*; Cohen & Felson 1979; Gresham & Elliott, 1987), que explica de que forma as oportunidades de vitimização são criadas pelas atividades rotineiras diárias e por estilos de vida que expõem os indivíduos ao risco (Felson, 2002, citado em Reyns, Henson, & Fisher 2011).

Quando estas teorias foram desenvolvidas, a premissa base era que a vítima e o agressor tinham de estar no mesmo espaço físico para que existisse uma interação a aumentar o risco de vitimização. De facto, elas focaram-se na explicação de crimes em que existe um contacto direto entre vítima-agressor, tais como o roubo ou as agressões físicas. Com a massificação do uso da Internet nos últimos anos, surgiram formas de vitimização que não implicam uma convergência temporal e física entre ofensor e vítima (Yar 2005), também designadas de cibervitimização onde se inclui, entre outros, o *ciberstalking*.

A cibervitimização pode assumir várias formas, sendo que umas das mais comuns envolve ameaças, perseguições e assédio por meio das tecnologias de comunicação, sobretudo através dos telemóveis. Isso pode incluir mensagens de texto excessivas ou abusivas, ou o uso do dispositivo GPS dentro do telefone para determinar a localização da vítima (Ybarra, Mitchell, Finkelhor, & Wolak, 2012; K. Mitchell, D. Finkelhor, J. Wolak et al., 2011; K. Mitchell, M. Ybarra, D. Finkelhor, 2007). Os agressores podem também controlar o telefone da vítima de uma maneira que isola a vítima de sua rede de suporte, revelando com quem a vítima esteve em contato ou, em muitos casos, impedindo-a de pedir ajuda (Southworth, Finn, Fraser & Tucker, 2007). A vitimização online pode ser também realizada sob a forma de assédio, por envio de e-mails excessivos ou indesejados, o agressor pode utilizar as redes sociais da vítima para a localizar, envergonhar ou humilhar (Southworth et al., 2007, Welsh & Lavoie, 2012). A estas novas formas de vitimização não são alheias as próprias rotinas associadas ao uso da Internet, que podem representar novas e prolíficas oportunidades para o crime, nomeadamente a utilização das redes sociais. As pessoas partilham onde estão, com quem estão e quando estão, o que facilita a obtenção de informação de outra pessoa sem ter que sair do mundo virtual (Nancy Felicity Hensler-McGinnis, 2008; Suler, 2004).

Neste sentido, alguns autores têm procurado aplicar as premissas da teoria do estilo de vida-atividades rotineiras à cibervitimização. Por exemplo, Yucedal (2010) demonstrou que as pessoas que usam a Internet com mais frequência estão mais propensas a ser um alvo de um criminoso motivado, em particular na ausência de total segurança no

ciberespaço. De facto, é coerente com a teoria que os utilizadores mais frequentes de tecnologias online, nomeadamente das redes sociais, aumentem o seu risco de vitimização, desde logo porque os próprios sites incentivam a criação de perfis que podem incluir informações pessoais, como sexo, data de nascimento, cidade natal, informações académicas, estados de relacionamento, o nome do(a) parceiro(a) e por vezes inclusive a morada da residência (Welsh & Lavoie, 2012).

Exposição Online e Revelação Online

Como forma de compreender qual a frequência e o tipo de comportamentos online praticados pelos indivíduos no espaço de uma semana, Welsh e Lavoie (2012) desenvolveram um questionário adequado para este mesmo efeito.

As práticas pelas quais as informações pessoais são divulgadas online podem ser passivas (por exemplo, postagens em páginas de perfil, blogs, comentários, etc.) ou interativas (por exemplo, interações online com outros utilizadores e/ou e-mail, etc.). Bryce & Klang (2009), afirmou que as pesquisas sugerem que muitos jovens pensam que têm controlo sobre a divulgação de informações pessoais online e que o fazem com plena consciência dos riscos associados e da confiança na sua capacidade de gerir os resultados potencialmente negativos destas mesmas ações.

Verifica-se que nas redes sociais os utilizadores têm um alto nível de controlo e escolha sobre as informações pessoais que divulgam sobre si mesmos nas suas páginas de perfil, mas verifica-se também que controlam de forma baixa o potencial uso dessas informações por outras pessoas.

As informações pessoais sobre os utilizadores também são divulgadas de forma interativa a amigos e outros utilizadores online (via emails, comentários em redes sociais e blogs, em salas de chat, etc.). Essas práticas comunicativas também oferecem a possibilidade de divulgação de informações sobre outros utilizadores o que pode potencialmente violar a sua privacidade online e facilitar o cibercrime. Por exemplo, informações divulgadas sobre outro utilizador acreditando que tem um perfil privado podem ser posteriormente tornadas públicas por reencaminhamento.

Embora o ciberespaço seja considerado um lugar com o qual se deve ter cuidados e ofereça um ambiente no qual os ofensores tenham oportunidades de encontrar alvos fáceis, nem todas as pessoas estão sujeitas ao mesmo nível de risco de vitimação. Já nas teorias originais se considerava que alguns indivíduos estão mais propensos a serem alvo de crimes devido à forma como realizam atividades desviantes e/ou arriscadas (Cohen & Felson, 1979; Michael G. Maxfield 1987). Constata-se assim que a internet torna as pessoas potenciais vítimas, mas são as atividades online que determinam realmente o nível de risco de vitimização. MaQuade (2006) afirmou que a teoria das atividades rotineiras tem implicações importantes para a compreensão de crimes cometidos através da utilização de computadores e outros dispositivos de TI (tecnologias de informação).

No estudo de Choi (2008), verifica-se que a teoria das atividades rotineiras foi introduzida com base nas evidências das “novas estatísticas de vitimização” como parte

de uma perspetiva teórica racional embutida na orientação sociológica (Williams & McShane 1999, p. 235). Os criminologistas no início da década de 1970 começaram a perceber a importância dos estudos de vitimização, porque anteriormente colocavam seu foco no criminoso e ignoravam a vítima (Karmen 2006).

Concluiu-se que as pessoas quando estão online, envolvem-se em atividades consideradas de risco, como visitar sites desconhecidos, descarregar músicas, vídeos e jogos, o que aumenta a probabilidade de sofrerem de vitimação no ciberespaço. Portanto, compreender melhor a vitimização no ciberespaço requer necessariamente um conhecimento aprofundado dos estilos de vida online dos indivíduos. A base lógica desta pesquisa permitiu aferir uma validade empírica adequada, ou seja, os resultados demonstram que o estilo de vida online e a forma como as pessoas revelam as suas informações, são aspetos importantes de um modelo que delinea os padrões de vitimização por crimes informáticos. Já em 1998, Mustain e Tewksbury, argumentavam que as pessoas com estilos de vida delinquentes, estavam mais propícias a tornarem-se alvos acessíveis, de algum tipo de crime, não sendo os únicos a transparecerem esta ideia, (Kennedy & Forde, 1990).

O instrumento de Revelação Online permite compreender qual a probabilidade de um indivíduo partilhar determinadas informações pessoais no mundo *online*, (e.g. o seu email, fotografias a consumir drogas, a sua morada) sendo este um comportamento de risco (S. Wick 2015; Welsh & Lavoie, 2012).

A divulgação de informações pessoais pode aumentar o risco de muitos tipos de vitimização: de perseguição e assédio a roubo de identidade, de estranhos ou parceiros íntimos. No entanto, muitas vezes, os utilizadores não parecem estar cientes destes mesmos riscos, e a divulgação deste tipo de informação é percebida como normal nas interações online (Welsh & Lavoie, 2012). Os utilizadores, por vezes, não compreendem a ameaça à sua privacidade ou segurança ao partilhar esse tipo de informação.

Esperava-se que a divulgação e exposição online mediassem a relação entre a propensão ao risco e a vitimização cibernética, e ainda que a divulgação online, a exposição online e o risco percebido de ser apanhado mediassem a relação entre propensão ao risco e comportamento de vitimização online (Wick, 2015).

Ciberstalking

Com o aumento das TIC, aumentou também a vulnerabilidade das pessoas no que concerne ao Stalking, o que fez surgir um novo tipo de crime, o Ciberstalking e uma nova

categoria de vítimas conhecidas como vítimas por cyberstalking (Pereira, 2016; Bocij, 2003). Este fenómeno está definido como o indivíduo que é sistematicamente alvo de ameaças, mensagens intimidadoras, assédio persistente ou mensagens sexuais não desejadas, e que pode também ser alvo de invasão de privacidade através das TIC (Finn, 2014; Wright 2017; Strawhun, Adams, & Huss, 2013). Estes comportamentos de cyberstalking podem ser exercidos de forma direta e indireta. Os comportamentos praticados de forma direta incluem o envio repetido de e-mails, mensagens instantâneas e/ou de texto de cariz pornográfico, intimidatório ou ameaças de violência física, psicológica e/ou emocional e colocação de informações online de teor difamatório sobre a vítima (Spitzberg & Hoobler, 2002). Os comportamentos efetuados de modo indireto compreendem a pesquisa de informações pessoais da vítima com o objetivo posterior de a ameaçar ou assediar, assumir ou criar uma identidade fraudulenta, monitorizar as atividades eletrónicas e do computador pessoal da vítima, incentivar outras pessoas a assediar ou perseguir de forma persistente a vítima (Stickland, & Dent, 2017).

O presente estudo

Sendo pertinente explorar até que ponto as rotinas de utilização da Internet podem colocar os indivíduos em maior risco de vitimização no mundo virtual, é igualmente pertinente questionar até que ponto o seu nível de exposição e revelação pode estar relacionado com um maior risco vitimização no mundo real. É de referir que se verifica uma diminuta literatura sobre a população adulta, no que concerne à vitimização no espaço online, (Wick, 2015).

A presente investigação tem assim como objetivo compreender se a forma como as pessoas se expõem e protegem no mundo online tem impacto na vitimização, não só online, mas também no “mundo real”. Mais especificamente, pretende-se analisar a relação entre os níveis de exposição e revelação na utilização das redes sociais e a vivência de situações de vitimação, incluindo a vitimização por cyberstalking e outras formas de crimes não relacionadas com o mundo online.

Método

Participantes

Este estudo contempla uma amostra de 418 indivíduos de ambos os sexos, designadamente 333 participantes do sexo feminino (79,7%) e 85 do sexo masculino (20,3%), com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M = 27,33$; $DP = 10,110$; Mínimo 18, máximo 66). Relativamente às Habilitações Literárias, 6 participantes (1,4%) identificaram-se como tendo o 1º Ciclo (1º a 4º ano), 3 participantes (0,7%) identificaram-se como tendo o 2º Ciclo (5º a 6º ano), 15 participantes (3,6%) identificaram-se como tendo o 3º Ciclo (7º a 9º ano), 170 participantes (40,7%) identificaram-se como tendo o Ensino Secundário (10º a 12º ano), 149 participantes (35,6) identificaram-se como tendo Licenciatura, 60 participantes (14,4%) identificaram-se como tendo Mestrado, 6 participantes (1,4%) identificaram-se como tendo Doutoramento e 9 participantes (2,2%) identificaram-se com a opção “Outro”, é de referir ainda que nenhum indivíduo se identificou com a opção “Sem Escolaridade”. No que concerne ao Estado Civil, 69 participantes são casados ou em união de facto (16,5%), 327 participantes solteiros (78,2%), 17 divorciados (4,1%) e 5 viúvos (5%). Quanto à Situação Profissional, 222 dos participantes declara-se como estudante (53,1%), 32 como desempregados (7,7%), 158 empregados (37,8%) e 6 reformados (1,4%). Foi também questionado aos participantes há quanto tempo começaram a utilizar as redes sociais, tendo-se verificado uma média de 9,81 anos ($DP = 3,295$), sendo que a utilização mais recente se verifica há um ano e a mais antiga há 20 anos. Dos participantes, 20 (4,8%) usavam apenas uma rede social, 52 (12,4%) tinham duas, 97 (23,2%) tinham três e 249 (59,6%) participantes afirmaram ter quatro ou mais redes sociais.

Instrumentos

Exposição Online

Este instrumento foi desenvolvido por Welsh e Lavoie (2012) e foi traduzido para português no contexto da presente investigação. Visa medir o tipo e a frequência dos comportamentos online realizados pelos participantes em média numa semana. Este é constituído por 17 itens, numa escala de *Likert* de 5 pontos, sendo o ponto 5 correspondente a “Sempre” e o ponto 1 a “Nunca”. Com uma pontuação máxima de 85 valores e mínima de 17 valores, quanto maior for a pontuação, maior é a frequência de

comportamentos online. A consistência interna do presente estudo foi bastante satisfatória ($\alpha = .745$), superior à do estudo original ($\alpha = .71$, Welsh e Lavoie, 2012).

Revelação Online

Este instrumento foi desenvolvido por Welsh e Lavoie (2012) e foi traduzido para português no contexto da presente investigação. Permite compreender de que forma os participantes partilham as suas informações pessoais no mundo online. Aos participantes é pedido que respondam numa escala de *Likert* de 1 a 5 (1 = Muito Improvável e 5 = Muito Provável) a 24 questões. Num total máximo de 111 e mínimo de 24, resultados mais elevados demonstram uma maior revelação de informações pessoais no mundo online. A consistência interna do presente estudo foi bastante satisfatória ($\alpha = .902$), tendo sido superior ao estudo original ($\alpha = .89$, Welsh e Lavoie, 2012).

Escala de Avaliação de Cyberstalking

Desenvolvido por Spitzberg & Cupach (1999), traduzido e adaptado por Carvalho & Matos (2010). Permite verificar se uma pessoa é ou já foi alvo de comportamentos indesejados por parte de outrem. Este instrumento é constituído por 27 itens, numa escala de *Likert* constituída por 5 valores (0 = Nunca e 4 = Mais de 5 vezes). O questionário é constituído por quatro fatores (Carvalho, 2011), o fator 1, nomeado de transferência para a vida real, integra os itens 6, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, sendo o alfa do presente estudo, $\alpha = .856$. O fator 2, nomeado de hiperintimidade, integra os itens 1, 2, 3, 4, 5, com um $\alpha = .902$. O fator 3, nomeado de ameaça, integra os itens 7, 8, 9, 12, 15, 16, 17 ($\alpha = .830$). O fator 4, nomeado de sabotagem, e integra os itens 13, 14 ($\alpha = .898$). A consistência interna do presente estudo foi bastante satisfatória ($\alpha = .937$), sendo superior à consistência do estudo original ($\alpha = .832$, Carvalho, 2011).

Questionário de vitimação

Composto por questões extraídas do questionário Perspetiva de Segurança, de Ana Isabel Sani e Laura M. Nunes (2012), sendo as mesmas adaptadas tendo em conta os objetivos pretendidos.

Questionário sociodemográfico

Foi incluído um conjunto de questões adicionais com vista a recolher informação sociodemográfica - sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional – e relativa à utilização das redes sociais “quantas redes sociais utiliza” e “há quanto tempo começou a utilizar”.

Procedimento

O presente estudo foi aprovado pela comissão de ética, do Instituto Universitário Egas Moniz. Os instrumentos Exposição Online e Revelação Online foram requeridos aos autores para que se pudesse realizar a sua tradução e posterior utilização. A tradução e adaptação dos instrumentos Exposição Online e Revelação Online foi sujeita à apreciação de um painel de especialistas (5) em Engenharia Informática e de computadores, para garantir o rigor da terminologia usada e a sua adequação à realidade portuguesa, sem se desviar do significado pretendido do instrumento original. Foi depois realizado um pré-teste com sete participantes que responderam aos questionários e se pronunciaram sobre a sua clareza. O questionário foi aplicado online, através do formulário *Google Forms*, tendo sido divulgado através das redes sociais e fóruns – *Instagram, Facebook, Reddit, Fórum Gaming Portugal* entre outros. Foi ainda aplicado de forma pessoal, em diversos locais. O questionário esteve disponível para preenchimento durante um período de dois meses.

No presente estudo foi realizado um consentimento informado de forma a informar os participantes sobre que tipo de questionário teriam pela frente e sobre o que iriam responder. Os dados foram analisados com recurso ao *IBM SPSS* (Statistical Package for the Social Scences) versão 25.

Resultados

Caracterização dos níveis de Exposição Online e Revelação Online

No instrumento de Exposição online verifica-se ter uma pontuação total média de 43,73 ($DP = 8,958$), com um mínimo de 17 e um máximo de 74. No instrumento de Revelação online obteve-se uma pontuação total média de 55,13 ($DP = 16,203$), um mínimo de 24 e um máximo de 111.

Características sociodemográficas, Exposição online e Revelação online

Para explorar possíveis diferenças de género relativamente à exposição e revelação online, realizou-se um Teste t , com o qual se verificou existirem diferenças significativas no que concerne à pontuação total média obtida no questionário de Exposição Online ($t(416) = 2,235; p = .026$). Tendo obtido uma pontuação média significativamente superior ($M = 45,66; DP = 9,692$), a amostra masculina deste estudo apresentou uma maior frequência de comportamentos online do que a amostra feminina ($M = 43,24; DP = 8,708$). Não se encontraram diferenças significativas quanto à Revelação Online ($t(416) = -0,700; p = .484$).

Para analisar as possíveis diferenças na idade, realizou-se uma correlação de *Pearson* entre a variável idade e os totais dos dois instrumentos, tendo-se verificado que existe uma correlação significativa e negativa entre a idade e exposição online ($r = -0,202; p = .000$) e revelação online ($r = -0,222; p = .000$), ou seja quanto mais jovens os participantes, mais frequentes foram os seus comportamentos online e maior é a revelação de informação pessoal na internet.

Para melhor explorar a relação entre a idade e a exposição e revelação online, foram ainda criados dois grupos etários: o grupo etário “jovens adultos” ($N = 258$), com idades compreendidas dos 18 aos 25 anos ($M = 21,43; DP = 2,026$), e o grupo etário “adultos” ($N = 179$), com idades superiores a 25 anos ($M = 35,60; DP = 10,716$). Verificou-se que o grupo etário “jovens adultos” obteve médias significativamente superiores na pontuação total do questionário de revelação online ($M = 56,59; DP = 16,116$) do que os “adultos” ($M = 52,79; DP = 16,116$) ($t(416) = 2,344; p = .020$), isto é, quanto mais jovens os participantes, maior foi a partilha de informações pessoais. Por sua vez, não se encontraram diferenças significativas no que concerne à exposição online ($t(274,421) = 1,353; p = .177$).

Para analisar se os níveis de exposição e revelação online variam consoante as habilitações literárias dos participantes, e no sentido de obter grupos mais homogêneos, esta variável foi agrupada em quatro categorias: o 1º, 2º e 3º ciclo (N = 24), ensino secundário (N = 170), Licenciatura (N = 149) e Mestrado/Doutoramento (N = 66).

Procedeu-se então à análise estatística ANOVA *one way* para verificar a existência de diferenças significativas nas pontuações totais dos instrumentos Exposição Online e Revelação Online. Não se tendo verificado homogeneidade de variâncias relativamente à variável Exposição Online, procedeu-se à utilização da estatística de *Welch* e ao teste Post-Hoc de *Tamhane*. Encontraram-se diferenças significativas em relação à Exposição Online e as habilitações literárias (Welsh = 2,757, $p = .039$). Mais especificamente, entre os grupos 1º, 2º e 3º Ciclo ($M = 37,63$; $DP = 13,509$) e o grupo Mestrado/Doutoramento ($M = 46,62$; $DP = 9,213$), tendo, pessoas com maior escolaridade obtido uma maior frequência de comportamentos online do que pessoas com menor escolaridade ($p = .049$).

Não existem evidências estatísticas para se afirmar que a Revelação Online seja diferente entre os quatro grupos das habilitações literárias ($F(4) = 0,940$; $p = .441$). Também no sentido de homogeneizar a dimensão dos grupos, o estado civil foi recategorizado em três grupos: solteiro/a (N = 327), casado ou união de facto (N = 69) e viúvos/divorciados (N = 22). Realizou-se a ANOVA *one way*, para verificar a existência de diferenças significativas nas pontuações totais dos instrumentos Exposição Online e Revelação Online. Não houve homogeneidade de variâncias com a variável Exposição Online, pelo que se utilizou a estatística de *Welch* e o teste Post-Hoc de *Tamhane*. Encontraram-se diferenças significativas em relação à Exposição Online e o estado civil, ($4,735$, $p = .013$), nomeadamente entre os grupos casado ou união de Facto ($M = 40,59$; $DP = 9,470$) e o grupo “solteiro/a” ($M = 44,41$; $DP = 8,483$), ou seja, pessoas casadas ou em união de Facto obtiveram menor frequência de comportamentos online do que pessoas solteiras ($p = .008$).

Relativamente à Revelação Online, procedeu-se à análise do teste post-hoc LSD. Encontraram-se diferenças significativas em relação à Revelação Online e o estado civil, ($4,056$, $p = .023$), mais concretamente entre os grupos “Divorciado/Viúvo” ($M = 46,77$; $DP = 19,861$) e o grupo “Solteiro/a” ($M = 56,32$; $DP = 15,891$), quer dizer que, os participantes que assinalaram como sendo solteiros, partilham mais informação pessoal em contexto online do que pessoas divorciadas/viúvas ($p = .007$).

A situação profissional foi analisada em três grupos: desempregados e reformados ($N = 38$), empregados ($N = 158$) e estudantes ($N = 222$). Encontram-se diferenças significativas no que respeita à pontuação da revelação online ($F(2) = 4,324; p = .014$). Mais especificamente, verificou-se que a média dos empregados ($M = 52,37; DP = 15,691$) é significativamente inferior à média dos estudantes ($M = 56,38; DP = 15,735$) ($p = .043$), o que significa que, quando estão online, as pessoas com emprego revelam menos informações pessoais do que os estudantes. No que respeita à pontuação da Exposição Online em função da situação profissional, não houve homogeneidade de variâncias, pelo que se utilizou a estatística de *Welch*, onde não se encontraram diferenças significativas ($Welsh = 0,478, p = .621$).

Utilização das redes sociais, exposição online e revelação online

Realizou-se uma correlação de *Pearson*, de forma a correlacionar a pontuação obtida nos instrumentos Exposição Online e Revelação Online com a variável “há quanto tempo utiliza as redes sociais”, tendo-se verificado que o tempo de utilização de redes sociais está significativa e positivamente correlacionado com a Exposição Online ($r = 0,189; p = .000$), ou seja, as pessoas que utilizam há mais tempo redes sociais tendem a ter maior frequência de comportamentos online. Verifica-se também que não existe uma associação significativa entre a revelação online com a variável “há quanto tempo utiliza as redes sociais” ($r = 0,019; p = .701$).

Foi realizada uma correlação de *Spearman*, de forma a correlacionar os instrumentos de Exposição Online e Revelação Online com a variável “quantas redes sociais tem”, tendo-se verificado que existe uma correlação significativa e positiva com a Exposição Online ($\rho = 0,258; p = .000$) e a Revelação Online ($\rho = 0,299; p = .000$), ou seja, os participantes com mais redes sociais tiveram uma maior frequência de comportamentos online e por sua vez mais partilha de informações pessoais.

Finalmente, através de uma correlação de *Pearson*, verifica-se uma correlação significativa e positiva entre a Exposição Online e a Revelação Online ($r = 0,393; p = .000$), por outras palavras, quanto maior a frequência de comportamentos online, maior a partilha de informações pessoais.

Caracterização da Vitimação

Com base nas respostas obtidas no questionário de vitimação, verificou-se que dos 418 participantes deste estudo, 124 (29,7%) afirmaram terem sido alvos de pelo menos um crime nos últimos cinco anos. Dos 124 que foram vítimas, 83 (19,9%) foram em meio “offline”, 36 (8,6%) em meio online e 5 (1,2%) em ambos.

As análises efetuadas relativas ao questionário de cyberstalking, tiveram por base as análises realizadas fatoriais por Carvalho (2011). O resultado relativo ao fator total do questionário do Cyberstalking é de $M = 10,53$; $DP = 13,285$; $Mín = 0$; $Máx = 86$, o resultado do fator de transferência para a vida real (fator 1): é $M = 1,36$; $DP = 3,320$; $Mín = 0$; $Máx = 30$, Hiperintimidade (Fator 2): $M = 4,99$; $DP = 5,634$; $Mín = 0$; $Máx = 20$, Ameaça (Fator 3): $M = 3,44$; $DP = 4,822$; $Mín = 0$; $Máx = 28$, Sabotagem (Fator 4): $M = 0,74$; $DP = 1,661$; $Mín = 0$; $Máx = 8$.

Com vista a analisar na presente amostra, a prevalência de cyberstalking, utilizou-se o critério de vitimação redigido por Spitzberg e Hoobler (2002), atendeu-se para efeitos da análise todos aqueles que tivessem assinalado pelo menos um comportamento de cyberstalking. Assim, do conjunto de 22 comportamentos que constituíam o instrumento de avaliação, foram assinalados no mínimo um comportamento até um máximo de 22. A média dos comportamentos assinalados foi de 15,05, com um desvio padrão de 15,502.

Ao analisar os dados, e de acordo com a Tabela 1, verifica-se que 318 participantes (76,1%) cotaram pelo menos um fator na escala de cyberstalking. Destes, 207 (70,4%), ao responder ao questionário de vitimação, referiram que nos últimos cinco anos não foram vítimas de nenhum tipo de crime, no entanto cotaram pelo menos um fator na escala de cyberstalking. Por sua vez, 100 participantes não cotaram nenhum valor na escala de cyberstalking ($\chi^2(1) = 17,496$; $p = .000$).

Tabela 1- Vítimas de crimes nos últimos cinco anos e alvo de cyberstalking

	Nenhum fator de cyberstalking	Pelo menos um fator de cyberstalking
Alvo de pelo menos um crime nos últimos cinco anos	13 (10,5%)	111 (89,5%)
Não foi alvo de nenhum crime nos últimos cinco anos	87 (29,6%)	207 (70,4%)

Características sociodemográficas e tipos de vitimação

A caracterização sociodemográfica da vitimização incidiu sobre os participantes que referiram ter sido vítimas de crime nos últimos 5 anos no questionário de vitimação. Portanto, dos 418 indivíduos que responderam ao questionário, 124 afirmaram terem sido alvos de um crime nos últimos 5 anos. Após serem verificadas cada uma das respostas dadas, na questão “qual foi o tipo de crime que foi alvo”, os participantes foram divididos por três grupos, crime offline (N = 83), crime online (N = 36) e crime offline e crime online (N = 5). Procurou relacionar-se o tipo de vitimação com as características sociodemográficas dos participantes. Os participantes que referiram ter sido vítimas tanto em meio offline como online foram excluídos destas análises, uma vez que se tratava de uma amostra de apenas cinco participantes, não permitindo uma análise estatística representativa.

O tipo de vitimação parece ser independente do género ($\chi^2 (2) = 1,499; p = .473$), da faixa etária ($\chi^2 (2) = 1,020; p = .600$), do estado civil ($\chi^2 (4) = 2,753; p = .600$), das habilitações literárias ($\chi^2 (6) = 2,112; p = .909$) e da situação profissional dos participantes ($\chi^2 (4) = 4,589; p = .332$).

Utilização das redes sociais e vitimação

Para a realização destas análises, consideram-se os grupos de participantes que foram vítimas offline (N = 83), online (N = 36) e não vítimas (N = 294).

Realizou-se a ANOVA *one way*, para verificar a existência de diferenças significativas relativamente à variável “há quantos anos começou a utilizar redes sociais”

consoante o tipo de vitimação, tendo-se verificado que não existem diferenças significativas ($F(2) = 2,801; p = .062$), ou seja o facto de usar redes sociais há mais ou menos tempo não influencia a ocorrência ou o tipo de vitimação. Verificou-se não existir associação entre o número de redes sociais utilizadas e o facto de ser vítima online, vítima offline ou não vítima ($\chi^2(6) = 7,614; p = .268$).

Considerando a vitimização por cyberstalking, os participantes que referiram ter sido vítimas (i.e., que pontuaram pelo menos 1 valor da escala, conforme referido acima) ($N = 318$) foram comparados com os participantes que não foram vítimas (i.e., que não pontuaram nenhum fator da escala) ($N = 100$).

Efetuiu-se um Teste t , para verificar a existência de diferenças significativas entre a variável se sofreu de cyberstalking (pelo menos 1 valor da escala) ou não e a variável “há quantos anos começou a utilizar redes sociais”, tendo-se verificado que as mesmas existem ($t(133,052) = 3,557; p = .001$), constata-se que quem já sofreu pelo menos de uma categoria de cyberstalking ($M = 3,47; DP = 0,781$), possui há mais tempo redes sociais, do que pessoas que nunca sofreram ($M = 3,06; DP = 1,081$).

Para analisar se existe alguma associação entre o número de redes sociais e o facto de já ter sofrido pelo menos de uma categoria do cyberstalking, realizou-se um Qui-quadrado, tendo-se verificado uma associação significativa ($\chi^2(3) = 22,836; p = .000$). Tal como se pode verificar na seguinte tabela (Tabela 2), a maior parte dos participantes que só têm uma rede social não sofreram nenhum tipo de cyberstalking, enquanto que a partir de duas ou mais redes sociais a maioria já vivenciou essa experiência.

Tabela 2- Associação entre o número de redes sociais e ter sofrido de cyberstalking

	Uma rede social	Duas redes sociais	Três redes sociais	Quatro ou mais redes sociais
Pelo menos um fator de Cyberstalking	7 (35%)	36 (69,2)	74 (76,3%)	201 (63,2%)
Nenhum fator	13 (65%)	16 (30,8%)	23 (23,7)	48 (19,3%)

Não foi encontrada relação significativa entre a pontuação total da escala de cyberstalking e a variável “há quanto tempo começou a utilizar as redes sociais” ($r = -0,030$; $p = .537$). Também não se verificam correlações significativas entre cada um dos fatores do cyberstalking e a variável “há quanto tempo começou a utilizar as redes sociais”, fator 1 ($r = -0,018$; $p = .720$), fator 2 ($r = -0,005$; $p = .916$), fator 3 ($r = -0,046$; $p = .348$), fator 4 ($r = -0,056$; $p = .257$).

Exposição online, revelação online e vitimação

Tendo em vista o objetivo principal do presente estudo, verificou-se que as pessoas que sofreram algum tipo de crime nos últimos cinco anos, obtiveram médias significativamente superiores na pontuação total do questionário de Exposição online ($M = 45,70$; $DP = 10,776$) do que aqueles que não sofreram nenhum tipo de crime nos últimos cinco anos ($M = 42,90$; $DP = 7,945$) ($t(181,857) = 2,613$; $p = .010$), ou seja, quem sofreu algum tipo de crime nos últimos cinco anos, tem maiores comportamentos na internet do que aqueles que não sofreram nenhum crime nos últimos cinco anos. Por sua vez, também se encontraram diferenças significativas no que concerne à revelação online, nomeadamente verifica-se que as pessoas que sofreram algum tipo de crime nos últimos cinco anos, obtiveram médias significativamente superiores na pontuação total do questionário ($M = 60,33$; $DP = 16,747$) do que aqueles que não sofreram nenhum tipo de crime nos últimos cinco anos ($M = 52,94$; $DP = 15,481$) ($t(416) = 4,349$; $p = .000$), ou seja quem sofreu algum tipo de crime nos últimos cinco anos, obteve uma maior partilha informações pessoais na internet.

Procedeu-se de seguida a uma análise análoga, mas agora comparando o grupo de participantes que não foram vítimas de qualquer crime, com o grupo de participantes que foram vítimas de crime online e offline. Não se tendo verificado homogeneidade de variâncias relativamente à variável Exposição Online, procedeu-se à utilização da estatística de *Welch* e ao teste Post-Hoc de *Tamhane*. Encontraram-se diferenças significativas em relação à Exposição Online ($Welsh = 5,229$, $p = .007$). Mais especificamente, verificam-se diferenças entre o grupo “não vítima” ($M = 42,90$; $DP = 7,945$) e o grupo “vítima online” ($M = 48,42$; $DP = 9,967$), ou seja, as pessoas que obtiveram maiores comportamentos online, sofreram mais crimes no mundo online ($p = .008$). Verifica-se que não existem diferenças entre o grupo “não vítima” e “vítima offline” ($p = .766$). Também se encontram diferenças relativamente à Revelação online ($F(2) = 9,250$; $p = .000$), nomeadamente verifica-se que as pessoas que foram alvo de um

crime online ($M = 62,97$; $DP = 18,614$), e de um crime offline ($M = 58,43$; $DP = 14,643$), partilham mais informações pessoais na internet do que pessoas que não sofreram nenhum crime nos últimos cinco anos ($M = 52,94$; $DP = 15,481$) ($p = .010$). Não se tendo encontrado diferenças significativas no nível de revelação entre vítimas offline e online ($p = .487$), ou seja, verifica-se que quem partilha mais informação pessoal na internet está mais propenso a ser alvo de um crime seja este online ou offline.

De forma a analisar a existência de diferenças significativas entre os instrumentos de Exposição online e Revelação online e o facto de ter sido vítima de um crime online ou offline, realizou-se um teste t , com o qual se verificou que as pessoas que foram alvo de um crime online, obtiveram médias significativamente superiores na pontuação total do questionário de Exposição online ($M = 48,42$; $DP = 9,967$) do que aqueles que foram alvo de um crime offline ($M = 43,98$; $DP = 10,402$) ($t(117) = 2,166$; $p = .032$), ou seja, segundo o presente estudo verificou-se que os crimes online estão diretamente ligados com a frequência de utilização da internet.

Não se verificam diferenças significativas entre o instrumento de Revelação online e o facto de ter sido alvo de um crime online ou offline ($t(117) = 1,427$; $p = .156$),

Verificou-se que as pessoas que foram alvo de cyberstalking, obtiveram médias significativamente superiores na pontuação total do questionário de Exposição online ($M = 44,38$; $DP = 8,830$) do que aqueles que não foram alvo de cyberstalking ($M = 41,65$; $DP = 9,088$) ($t(416) = 2,681$; $p = .008$), portanto os participantes que utilizam mais frequentemente a internet, estão mais propensos a serem vítimas de cyberstalking, do que os participantes que utilizem com menos frequência.

Verificou-se que as pessoas que foram alvo de cyberstalking, obtiveram médias significativamente superiores na pontuação total do questionário de Revelação online ($M = 57,31$; $DP = 16,410$) do que aqueles que não foram alvo de cyberstalking ($M = 48,20$; $DP = 13,407$) ($t(200,369) = 5,605$; $p = .000$), portanto quanto maior foi a revelação de informação pessoal na internet, mais propenso está um indivíduo de ser alvo de cyberstalking.

Para correlacionar a pontuação total do cyberstalking e a pontuação do instrumento de Exposição online, realizou-se uma correlação de *Pearson*, tendo-se obtido uma correlação significativamente positiva ($r = 0,175$; $p = .000$), ou seja, quem obteve maiores comportamentos online, foi mais vítima de cyberstalking.

De seguida, procedeu-se as correlações entre a pontuação total do instrumento de Cyberstalking e os seus respetivos quatro fatores, e a pontuação total do instrumento de

Revelação Online, a tabela 3 revela que quem quanto maiores são as pontuações do instrumento de cyberstalking, maior é a ligação com os fatores do respetivo instrumento.

Tabela 3- Correlações entre a pontuação total do Cyberstalking, os fatores e Revelação Online

	Transferência para a vida real	Hiperintimidade	Ameaça	Sabotagem	Revelação Online
Total Cyberstalking	0,789*	0,885*	0,930*	0,722*	0,244*

Nota: Coeficientes de Correlação de Pearson; * $p < 0,001$

Foram realizadas três regressões logísticas binárias para verificar em que medida o facto de uma pessoa utilizar frequentemente a internet numa semana (i.e., nível de exposição online) e se expor informação pessoal na internet (i.e., nível de revelação online), são preditores: 1) de ser vítima de um crime online (vs não ser vítima de crime), 2) de ser vítima de um crime offline (vs não ser vítima de crime) e 3) ser vítima de cyberstalking (vs não ser vítima de cyberstalking), controlando o efeito do sexo e da idade.

O primeiro modelo (Tabela 4), referente à previsão da vitimação online é estatisticamente significativo ($\chi^2(8) = 4,269$; $p = .832$) e explica 12,1% da variação do resultado (Pseudo $R^2 = 0,121$). Analisando cada um dos preditores deste modelo, verifica-se que o nível de Exposição Online ($p = .014$) e Revelação Online ($p = .015$), tem uma contribuição significativa na previsão de alguém ser vítima de um crime online, sendo que na Exposição online (*Odds Ratio* = 1,058; 95% C.I. 1,012-1,107) existe uma diminuição na estimação dos *odds* (ou índices de possibilidades), por sua vez na Revelação online (*Odds Ratio* = 1,030; 95% C.I. 1,006-1,054) existe uma diminuição na estimação dos *odds* (ou índices de possibilidades) de alguém ser vítima de um crime online ou não ser vítima de crime. Conclui-se assim, que a probabilidade de alguém sofrer de um crime online, aumenta à medida que a exposição e a revelação online também aumentam.

Tabela 4 - Modelo de Regressão Logística para previsão de ser vítima de um crime online ou não ser vítima de crime

Variáveis	95,0% C.I. para Exp(B)							
	B	S.E	Wald	d.f	.Sig	Exp(B)	Lower	Upper
Sexo Feminino	0,200	0,438	0,210	1	0,647	0,818	0,347	1,931
Idade	0,027	0,019	1,982	1	0,159	1,027	0,990	1,066
Exposição Online	0,057	0,023	6,032	1	0,014	1,058	1,012	1,107
Revelação Online	0,029	0,012	5,898	1	0,015	1,030	1,006	1,054

Notas:

Modelo 1: -2 Log likelihood=206,973; ($\chi^2(8)=4,269$; $p=0,832$; Pseudo $R^2=0,121$)

O segundo modelo (Tabela 5), referente à previsão da vitimação offline, é estatisticamente significativo ($\chi^2(8)=11,922$; $p=.155$) e explica 3,4% da variação do resultado (Pseudo $R^2=0,034$). Analisando cada um dos preditores deste modelo, verifica-se que o nível de Revelação Online ($p=.007$) tem uma contribuição significativa na previsão de alguém ser vítima de um crime, sendo que na Revelação online (*Odds Ratio* = 1,024; 95% C.I. 1,007-1,042) existe uma diminuição na estimação dos *odds* (ou índices de possibilidades) de alguém ser vítima de um crime offline. Assim, pode-se aferir que a probabilidade de alguém sofrer de um crime offline, aumenta à medida que a revelação online também aumenta.

Tabela 5 - Modelo de Regressão Logística para previsão de ser vítima de um crime offline ou não ser vítima

Variáveis							95,0% C.I. para	
	B	S.E	Wald	d.f	.Sig	Exp(B)	Lower	Upper
Sexo Feminino	0,002	0,320	0,000	1	0,996	0,998	0,533	1,871
Idade	0,009	0,013	0,448	1	0,503	1,009	0,983	1,042
Exposição	0,001	0,016	0,005	1	0,941	1,001	1,007	1,042
Online								
Revelação	0,024	0,013	7,290	1	0,007	1,024	1,007	1,042
Online								

Notas:

Modelo 1: -2 Log likelihood=388,885; $\chi^2 (8)=11,922$; $p=0,155$; Pseudo $R^2 = 0,034$

O terceiro modelo (Tabela 6), referente à previsão da vitimação por cyberstalking, é estatisticamente significativo ($\chi^2 (8) = 12,363$; $p = .136$) e explica 11% da variação do resultado (Pseudo $R^2 = 0,110$). Analisando cada um dos preditores deste modelo, verifica-se que a idade ($p = .027$) e o nível de Revelação Online ($p = .000$), têm uma contribuição significativa na previsão de alguém ser vítima de um crime, sendo que na idade (*Odds Ratio* = 0,976; 95% C.I. 0,955-0,997) e na Revelação online (*Odds Ratio* = 1,033; 95% C.I. 1,015-1,051) existe uma diminuição na estimação dos *odds* (ou índices de possibilidades) de alguém ser vítima por cyberstalking. Assim, pode concluir-se que a probabilidade de alguém ser vítima por cyberstalking, aumenta à medida que a idade diminui e aumenta à medida que a revelação online também aumenta.

Tabela 6 - Modelo de Regressão Logística para previsão de ser vítima por ciberstalking ou não ser vítima

Variáveis							95,0% C.I. para	
	B	S.E	Wald	d.f	.Sig	Exp(B)	Lower	Upper
Sexo Feminino	0,275	0,288	0,913	1	0,339	1,316	0,749	2,314
Idade	0,025	0,011	4,922	1	0,027	0,976	0,955	0,997
Exposição Online	0,008	0,015	0,256	1	0,613	1,008	0,978	1,038
Revelação Online	0,032	0,008	13,82	1	0,000	1,033	1,015	1,051

Notas:

Modelo 1: -2 Log likelihood=428,056; χ^2 (8) =12,363; $p=0,136$; Pseudo $R^2 = 0,110$

Discussão

A evolução tecnológica trouxe consigo a modificação de hábitos quotidianos das pessoas. Esta evolução permitiu avanços no conhecimento, de novas formas de se estudar a sociedade e de compreender como funciona o indivíduo enquanto parte da mesma. Trouxe também consigo o afirmar de novas técnicas na ciência, arte e cinema, e como é de evolução humana que estamos a falar, também a forma de executar crimes evoluiu.

Os resultados encontrados na presente investigação (Tabela 8), permitem-nos conhecer a forma de utilização da internet de um modo geral e compreender de que modo a sua utilização está interligada com as diferentes formas de vitimação. A análise estatística realizada teve em vista uma melhor compreensão dos níveis de exposição e revelação online presentes na amostra.

Tabela 7 – Resumo dos Resultados

Exposição Online	<ul style="list-style-type: none">-os homens têm maiores comportamentos online do que as mulheres;-quanto menor a idade dos participantes mais frequentes são os comportamentos online;-os participantes com Mestrado ou Doutorado têm maiores comportamentos online do que os que têm 1º, 2º ou 3º Ciclos;-os participantes solteiros, têm uma maior frequência de comportamentos online do que os casados ou em união de facto;-as pessoas que utilizam redes sociais há mais tempo, tendem a ter maior frequência de comportamentos online;-pessoas com mais redes sociais tendem a ter mais tipos de comportamentos online;-quanto maior a frequência de comportamentos online, maior a partilha de informações pessoais.
Revelação Online	<ul style="list-style-type: none">-Quanto menor a idade maior é a revelação de informação pessoal na internet;-os participantes Solteiros partilham mais informações pessoais do que o grupo de Divorciados ou Viúvos;-pessoas empregadas revelam menores informações pessoais do que os estudantes;-pessoas com mais redes sociais tendem a revelar mais informações pessoais;-quanto maior a frequência de comportamentos online, maior a partilha de informações pessoais.
	<ul style="list-style-type: none">-124 (29,7%) dos participantes afirmaram terem sido alvos de pelo menos um crime nos últimos cinco anos, destes 83 (19,9%) foram em meio “offline”, 36 (8,6%) em meio online;-o facto de usar redes sociais há mais ou menos tempo não influencia a ocorrência ou o tipo de vitimação;-não existe associação entre o número de redes sociais utilizadas e o facto de ser vítima online, vítima offline ou não vítima;-quem sofreu algum tipo de crime nos últimos cinco anos, utiliza com maior frequência a internet do que aqueles que não sofreram nenhum crime nos últimos cinco anos;

-
- ser vítima de um crime online, ou offline é independente do género, da idade, das habilitações literárias, do estado civil e da situação profissional;
- quem sofreu algum tipo de crime nos últimos cinco anos, tem maior probabilidade de partilhar informações pessoais na internet;
- pessoas que têm mais comportamentos online, sofrem mais crimes no mundo online;
- pessoas que foram alvo de um crime online e de um crime offline partilham mais informações pessoais na internet do que pessoas que não foram alvo de crimes nos últimos cinco anos;
- quem partilha mais informações pessoais na internet está mais propenso a ser alvo de um crime seja este online ou offline;
- crimes online estão diretamente ligados com a frequência de utilização da internet;
- Vitimação - 318 participantes (76,1%) sofreram pelo menos um tipo de cyberstalking;
- quem já sofreu de cyberstalking possui mais redes sociais e utiliza-as há mais tempo do que quem não sofreu e utiliza-as há mais tempo;
- quem utiliza mais frequentemente a internet, está mais propenso a ser vítima de cyberstalking, do que pessoas que utilizem com menos frequência;
- quem revela mais informação pessoal na internet está mais propenso a ser alvo de cyberstalking;
- quem tem maiores comportamentos online, tende a ser mais vítima de cyberstalking;
- a probabilidade de alguém sofrer de um crime online, aumenta à medida que a exposição e a revelação online também aumentam, não sendo esta probabilidade influenciada pelo género ou idade da pessoa;
- a probabilidade de alguém sofrer de um crime offline, aumenta à medida que a revelação online aumenta, independentemente da frequência de utilização da internet, nem do género ou idade da pessoa;
-

-a probabilidade de ser vítima por cyberstalking, aumenta à medida que a idade diminui e aumenta à medida que a revelação online também aumenta, não sendo influenciada pela frequência de utilização da internet, nem pelo gênero da pessoa.

A presente investigação tem assim como objetivo compreender se a forma como as pessoas se expõem e protegem no mundo online tem impacto na vitimação, não só online, mas também no “mundo real”. Pretende-se especificamente, analisar a relação entre os níveis de exposição e revelação na utilização das redes sociais e a vivência de situações de vitimação, incluindo a vitimização por cyberstalking e outras formas de crimes não relacionadas com o mundo online.

Os resultados da presente investigação sugerem que as pessoas que têm mais comportamentos e partilham mais informações online, têm uma maior probabilidade de ser alvo de crimes, sejam estes crimes online ou no mundo real (offline/fora da rede).

Primeiramente, é importante compreender os hábitos que as pessoas têm quando falamos de internet para melhor compreender os resultados encontrados. Foram encontrados resultados significativos em relação à Exposição online, nomeadamente da população masculina, que tem mais comportamentos online do que a população feminina. Quanto mais jovens as pessoas são, mais frequentes são os comportamentos na internet e, por sua vez, maior é a revelação de informação pessoal que realizam no mundo online. Denota-se ainda que as pessoas com maior nível de escolaridade têm mais tipos comportamentos na internet. Por sua vez a população estudante apresenta maior frequência de comportamentos online do que a população “empregada”

A partir dos resultados obtidos, verifica-se que a população classificada como “solteiro/a”, tem uma maior frequência de comportamentos online do que o grupo caracterizado como “casado ou união de facto”. As pessoas que utilizam redes sociais à mais tempo, e que têm mais redes sociais, tendem a ter maior frequência de comportamentos online. E por sua vez que quantos maiores forem os comportamentos online, maior é a partilha de informações pessoais.

No que concerne à Revelação online, constata-se que as pessoas que partilham mais informação pessoal, têm idades entre os 18 e os 25 anos, tal como corroborado por (Kaakinen, Keipi, Räsänen, & Oksanen, 2018). Por sua vez, em função do estado civil, o grupo referente ao “solteiro/a” partilha mais que o grupo respetivo ao “Divorciado/Viúvo”. Também se constata que as pessoas que partilham mais informações pessoais são os estudantes em comparação com quem tem emprego (White & Carmody, 2018).

Relativamente à vitimação nos últimos cinco anos, e de acordo com os resultados obtidos, quase um terço da população inquirida (29,7%), afirmou ter sido alvo de pelo

menos um crime, tendo existido uma maior percentagem de crimes em meio offline (19,9%) do que em meio online (8,6%).

Um fator interessante presta-se ao facto de o tempo desde que uma pessoa usa as redes sociais em nada influencia a probabilidade de ser alvo de um crime. Verifica-se sim, que nos últimos cinco anos as pessoas que tiveram uma maior frequência de comportamentos na internet sofrem mais crimes, sejam estes em contexto online ou offline, estas vítimas são sobretudo as que mais partilham informações pessoais na internet.

Quem obteve maior frequência de comportamentos online, sofre mais crimes em contexto online, e aqueles que foram alvo de um crime offline partilham mais informações pessoais na internet do que os que não foram alvo de um crime nos últimos cinco anos. Quem partilha mais informações pessoais, tem tendência a sofrer mais crimes quer em contexto online quer offline. Pelo que se conclui que os crimes online estão proporcionalmente ligados com a utilização da internet nomeadamente quanto mais frequentes forem os comportamentos online, mais frequentes serão os crimes online.

No que concerne ao questionário de cyberstalking, verifica-se que mais de metade da amostra (76,1%), sofreu pelo menos um dos itens de cyberstalking. Estes indivíduos, são os que possuem mais redes sociais e as utilizam à mais tempo. Por sua vez observa-se que quem tem maior frequência de comportamentos na internet e revela mais informações pessoais, torna-se um alvo mais atrativo ao invés de quem utiliza menos e à menos tempo, relação também encontrada no estudo de Welsh e Lavoie (2012). É de referir que dos 294 participantes que referiram não terem sido alvo de nenhum crime nos últimos cinco anos, 207 cotaram pelo menos um fator na escala de cyberstalking, esta situação pode revelar dois factos, ou houve uma considerável minimização do cyberstalking ou o crime de cyberstalking ocorreu fora do período de estudo. Não tendo dados suficientes que corroborem qual é o facto mais correto, é relevante referir que existe uma elevada percentagem a ter em conta para estudos futuros.

Também com base nos resultados obtidos, observou-se que a probabilidade de alguém sofrer de um crime online, aumenta à medida que a exposição e a revelação online também aumentam, também a probabilidade de alguém sofrer de um crime offline, aumenta à medida que a revelação online também aumenta; a probabilidade de alguém ser vítima por cyberstalking, aumenta à medida que a idade diminui e aumenta à medida que a revelação online também aumenta.

Em suma, os resultados obtidos demonstram que o estilo de vida dos participantes nomeadamente online, é um fator preponderante para a padronização da vitimação, podendo-se afirmar que quem tiver um estilo de vida online descuidado, está mais propenso a ser alvo de vitimação, quer no mundo online, quer no mundo real. Tal como no estudo de Yucedal (2010), fica demonstrado que a soma dos fatores de um uso frequente da Internet com a ausência de segurança no ciberespaço, os indivíduos ficam mais propensos a ser um alvo para um criminoso motivado. Na verdade, atualmente, torna-se já difícil imaginar o quotidiano das pessoas sem novas tecnologias como a Internet, telemóveis e jogos de computadores, já para não falar em meios tecnológicos mais familiares como sendo a televisão. É a denominada geração “online” em que todos nós nos encontramos - “ligados à rede” (Thurlow & McKay, 2003).

Os resultados obtidos sugerem que tanto homens como mulheres têm a mesma probabilidade de sofrer/ser vítimas da maioria das ofensas no mundo online, algo que é corroborado pelo estudo de Lenhart (2016), tal como a idade não é um preditor significativo de ser alvo de um crime online, os dados indicam sim que a exposição e a revelação online são mais preponderantes, independentemente de poderem existir diferenças etárias entre vítimas e não vítimas. Segundo a literatura verificam-se resultados distintos relativamente a se o sexo influencia diretamente o facto de uma pessoa sofrer de um crime no contexto online ou offline, alguns autores defendem que o sexo feminino é o mais afetado (White & Carmody, 2018; Abrio, Moreno, Ferrer, & González, 2019; Cénat, Smith, Hébert & Derivois, 2019a; Cénat, Smith, Hébert, & Derivois, 2019b), enquanto outros consideram que não existem diferenças na prevalência da vitimação (Francisco, Simão, Ferreira, & Martins, 2015; Kowalski, Morgan, Lavelle & Allison, 2016; Lenhart, Ybarra, Zickuhr, & Price-Feeney, 2016). Verifica-se no presente estudo que tanto homens como mulheres estão igualmente propensos a sofrer pelo menos um tipo de vitimação online, mas o tipo de vitimização pode ser diferente consoante o sexo (Lenhart, Ybarra, Zickuhr, & Price-Feeney, 2016). Dois dos fatores mais importantes que segundo a literatura preveem a probabilidade de uma pessoa sofrer determinados tipos de assédio são o sexo e a idade do indivíduo (Mullen et al., 2011; Akbaba et al., 2015; (van de Weijer & Leukfeldt, 2017). Segundo, Lenhart e colaboradores e Berry e Bainbridge (2018) os jovens com menos de 30 anos são muito mais propensos a experienciar a maioria das ocorrências de assédio do que pessoas mais velhas, informação que vai ao encontro da encontrada no presente estudo.

Por sua vez verifica-se que os níveis de comportamentos online têm influência preditiva na probabilidade de alguém ser alvo de um crime tanto online ou offline (Kaakinen, Keipi, Räsänen, & Oksanen, 2018; Nedelec, 2018).

Verifica-se que a utilização negligente da internet leva a mais crimes, tanto em contexto online como no mundo real, o que pode ser uma novidade perante o que se conhece até aos dias de hoje, é de destacar que o nível de risco de vitimação não é equitativo para todos os indivíduos. Constata-se também que o sexo ou a idade não são preditores como se julgava, o que demonstra que qualquer pessoa de qualquer sexo é um potencial alvo se utilizar de uma forma descuidada a internet.

Por último, mas não menos importante, verifica-se que poucas são as pessoas alvo de algum tipo de crime que o reportem às autoridades, um dado alarmante uma vez que pode originar na descredibilização dos crimes, conclusão referida no estudo de White e Carmody (2018) e de Alexy e colaboradores (2005).

Limitações e estudos futuros

É importante ter em conta algumas limitações da presente investigação para que as mesmas possam ser colmatadas em investigações futuras. Uma das limitações foi, o facto de o questionário ter sido realizado em meio online, por autorrelato, e apesar de terem sido asseguradas todas as questões de confidencialidade, neste tipo de questionário, os inquiridos podem dar respostas não correspondentes à realidade, devido ao fenómeno de desejabilidade social, ou até minimizar os problemas. O facto do instrumento de cyberstalking ter sido categorizado com o critério de um ponto ser considerado vítima e zero pontos não vítima, é uma classificação rudimentar, no entanto já foi usada em estudos anteriores. Por se ter questionado as pessoas se foram alvo de algum tipo de crime nos últimos cinco anos, limitou-se os resultados quando esta variável estava presente, isto porque não se sabe se algumas pessoas foram vítimas de algum tipo de crime interessante para o presente estudo mas este ter ocorrido fora do período em estudo não entraram assim na análise estatística.

Outra limitação bastante pertinente que pode ser colmatada em estudos futuros para uma melhor análise, prende-se perante o facto do grupo referente a vítimas tanto online e offline ter sido bastante reduzido, não permitindo a sua devida análise.

É de referir também que existiu uma clara desproporção na amostra entre homens e mulheres, não foi, no entanto, limitativa ao ponto de impedir uma robusta análise

estatística, mas seria interessante em estudos futuros procurar encontrar uma maior homogeneidade.

Perante os resultados apresentados, surgem novas questões para investigações futuras, entre as quais compreender se ao longo dos últimos anos a criminalidade online tem vindo a diminuir ou aumentar. Conseguir uma amostra mais robusta da população que tenha sido alvo de crimes online e offline de forma a ver se existe uma ligação entre estes crimes e o facto de se expor ou revelar na internet. Seria interessante compreender se as pessoas que sofrem de crimes online, posteriormente ao crime alteram os seus comportamentos quando estão na Internet ou não. Estudos futuros devem também incidir-se mais particularmente no tipo de crimes cibernéticos, (ex. fraudes informáticas; roubo de identidade; invasão das redes sociais, etc.), uma vez que os mesmos podem ser bastante nocivos para a população utilizadora da internet. Seria também relevante tentar aumentar a amostra de participantes que sofreram crimes tanto online como offline, de modo a verificar as semelhanças entre esses mesmos crimes. Seria ainda interessante compreender que tipos de comportamentos online originam crimes online e se possível a realização de um estudo longitudinal.

Conclusão

A utilização da internet e de todas as ferramentas aumentou substancialmente na vida das pessoas nos últimos anos, resultado daí uma crescente preocupação com o tempo despendido nela e com os seus perigos inerentes (Kaakinen et al., 2018). Tem vindo a ser amplamente estudada a influência que a internet e o mundo online têm perante as pessoas, nomeadamente o tempo que passam no mundo online e as representações sociais desse mesmo mundo e que inevitavelmente se transmitem para o mundo, exterior. Também tem vindo a ser estudado de que forma a teoria das atividades rotineiras pode explicar em parte os acontecimentos ocorridos quer em meio online, quer em meio offline (Welsh & Lavoie, 2012; Wick, 2015; Scholar & Heinrich, 2015; Nedelec, 2018). A presente investigação foca-se por isso nesta problemática, cada vez mais crescente. Sendo um estudo bastante atual, centra-se também na população adulta, uma amostra que se verifica descuidada na maioria dos estudos desta área, principalmente no que concerne ao cyberstalking.

O objetivo inicial consiste em compreender se a forma como as pessoas se expõem e protegem no mundo online tem impacto na vitimação, não só online, mas também no “mundo real”, mais especificamente, pretendeu-se analisar a relação entre os níveis de exposição e revelação na utilização da internet e a vivência de situações de vitimação, incluindo a vitimação por cyberstalking e outras formas de crimes não relacionadas com o mundo online. De acordo com os resultados demonstrados e perante outros a reter, realça-se o facto de os mesmos indicarem que quem partilha mais informações pessoais no mundo online, está mais propenso a ser vítima, quer seja em contexto online quer no “mundo real”. Deve, portanto, continuar a existir uma sensibilização da população que utiliza com frequência a internet de forma a prevenir futuras vítimas. É pertinente referir que a presente investigação foi inovadora, uma vez que agrupou conceitos e instrumentos já conhecidos, mas que ainda não tinham sido aplicados a população portuguesa. Pode considerar-se também inovador o facto de este estudo focar-se na população adulta, quando grande maioria dos estudos de vitimização em contexto de internet estarem focados na população jovem, nomeadamente adolescentes, esta abordagem permite refletir bastante sobre os resultados obtidos. Realçar que o estudo contribuiu para uma melhor perceção da criminalidade cibernética do contexto português, incluindo as tendências do momento.

Deste modo, pode-se concluir que a Teoria das Atividades Rotineiras também se aplica ao contexto da internet, uma vez que foi observada uma clara ligação entre as

atividades efetuadas online e os crimes perpetrados na internet e fora desta. A presente investigação tem também como ponto alto o facto de possibilitar a sensibilização das pessoas para os perigos inerentes à utilização descuidada da internet.

Bibliografia

- Alexy, E. M., Burgess, A. W., Baker, T., & Smoyak, S. A. (2005). Perceptions of cyberstalking among college students. *Brief Treatment and Crisis Intervention*, 5, 279-289
- Akbaba, S., Peker, A., Eroğlu, Y., & Yaman, E. (2015). Cross-gender equivalence of cyber bullying and victimization. *Participatory Educational Research (PER)*, 2(2), 59–69. doi:10.17275/15.15.2.2.
- Berry, M. J., & Bainbridge, S. L. (2018). Manchester's Cyberstalked 18-30s: Factors affecting cyberstalking. *Advances in Social Sciences Research Journal*, 4(18). <https://doi.org/10.14738/assrj.418.3680>
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Online harassment: Towards a definition of cyberstalking. *Prison Service Journal*, 139(July), 31–38.
- Carvalho, C. S. de S. (2011). Ciberstalking : Prevalência na população universitária da Universidade do Minho.
- Cénat, J. M., Smith, K., Hébert, M., & Derivois, D. (2019a). Cybervictimization and suicidality among French undergraduate Students: A mediation model. *Journal of Affective Disorders*, 249(January), 90–95. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.02.026>
- Cénat, J. M., Smith, K., Hébert, M., & Derivois, D. (2019b). Polyvictimization and Cybervictimization Among College Students From France: The Mediation Role of Psychological Distress and Resilience. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–20. <https://doi.org/10.1177/0886260519854554>
- Choi, K. (2008). Computer Crime Victimization and Integrated Theory: An Empirical Assessment. *International Journal of Cyber Criminology*, 2(1), 308–333.
- Francisco, S. M., Veiga Simão, A. M., Ferreira, P. C., & Martins, M. J. D. D. (2015). Cyberbullying: The hidden side of college students. *Computers in Human Behavior*, 43, 167–182. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.045>
- Gresham, F. M., & Elliott, S. N. (1987). The relationship between adaptive behavior and social skills: Issues in definition and assessment. *The Journal of Special Education*, 21(1), 167–181. <https://doi.org/10.1177/002246698702100115>
- Hensler-McGinnis, N. F. (2008). Cyberstalking Victimization: Impacto and Coping Responses In a National University Sample. *Journal of Experimental Psychology: General*, (1), 206.
- Hindelang, M. J., Gottfredson, M. R., & Garofalo, J. (1978). *Victims of personal crime: An empirical foundation for a theory of personal victimization*. Cambridge, MA:

- Ballinger.
- Kaakinen, M., Keipi, T., Räsänen, P., & Oksanen, A. (2018). Cybercrime Victimization and Subjective Well-Being: An Examination of the Buffering Effect Hypothesis among Adolescents and Young Adults. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *21*(2), 129–137. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0728>
- Kennedy, L. W., & Forde, D. R. (1990). Routine Activities and Crime: An Analysis Of Victimization In Canada. *University of Alberta*, *28*(1), 137–152. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1990.tb01321.x>
- Kennedy, M. A., & Taylor, M. a. (2010). Online Harassment and Victimization of College Students. *Justice Policy Journal*, *7*(1), 1–21. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=snh&AN=62001671&site=ehost-live&scope=site>
- Kowalski, R. M., Morgan, C. A., Drake-Lavelle, K., & Allison, B. (2016). Cyberbullying among college students with disabilities. *Computers in Human Behavior*, *57*, 416–427. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.044>
- Lenhart, A., Ybarra, M., Zickuhr, K., & Price-Feeney, M. (2016). Online harrassment, digital abuse, and cyberstalking in America, 59. Retrieved from https://www.datasociety.net/pubs/oh/Online_Harassment_2016.pdf
- Maxfield, M. G. (1987). Lifestyle and routine activity theories of crime: Empirical studies of victimization, delinquency, and offender decision-making. *Journal of Quantitative Criminology*, *3*(4), 275–282. <https://doi.org/10.1007/bf01066831>
- Maxfield, M. G., Bryce, J., & Klang, M. (2009). Young people, disclosure of personal information and online privacy: Control, choice and consequences. *Information Security Technical Report*, *14*(3), 160–166. <https://doi.org/10.1016/j.istr.2009.10.007>
- McQuade, S. C. (2006). *Understanding and managing cybercrime*. Boston: National Criminal Justice Reference Service
- Messner, S. F., & Tardiff, K. (1985). the Social Ecology of Urban Homicide: an Application of the “Routine Activities” Approach. *Criminology*, *23*(2), 241–267. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1985.tb00336.x>
- Mitchell, K. J., Finkelhor, D., Wolak, J., Ybarra, M. L., & Turner, H. (2011). Youth internet victimization in a broader victimization context. *Journal of Adolescent Health*, *48*(2), 128–134. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2010.06.009>
- Mitchell, K. J., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online

- victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child Maltreatment*, 12(4), 314–324. <https://doi.org/10.1177/1077559507305996>
- Mullen, J., Kelloway, E. K., & Teed, M. (2011). Inconsistent style of leadership as a predictor of safety behaviour. *Work & Stress*, 25(1), 41–54. doi:10.1080/02678373.2011.569200
- Mustaine, E. E., & Tewksbury, R. (1998). Predicting Risks of Larceny Theft Victimization: a Routine Activity Analysis Using Refined Lifestyle Measures. *Criminology*, 36(4), 829–858. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1998.tb01267.x>
- Nedelec, J. L. (2018). Individual differences and co-occurring victimization online and offline: The role of impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 133, 77–84. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.11.028>
- Pereira, F., Spitzberg, B. H., & Matos, M. (2016). Cyber-harassment victimization in Portugal: Prevalence, fear and help-seeking among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 62, 136–146. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.039>
- Pires, S. A., Sani, A. I., & Soeiro, C. (2018). Stalking e ciberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 4(2), 60–75. <https://doi.org/10.31211/rpics.2018.4.2.75>
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2011). Being pursued online: Applying cyberlifestyle-routine activities theory to cyberstalking victimization. *Criminal Justice and Behavior*, 38(11), 1149–1169. <https://doi.org/10.1177/0093854811421448>
- Romero-Abrio, A., Martínez-Ferrer, B., Musitu-Ferrer, D., León-Moreno, C., Villarreal-González, M. E., & Callejas-Jerónimo, J. E. (2019). Family communication problems, psychosocial adjustment and cyberbullying. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(13). <https://doi.org/10.3390/ijerph16132417>
- Southworth, C., Finn, J., Dawson, S., Fraser, C., & Tucker, S. (2007). Intimate partner violence, technology, and stalking. *Violence Against Women*, 13(8), 842–856. <https://doi.org/10.1177/1077801207302045>
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (1999). Jealousy, suspicion, possessiveness and obsession as predictors of obsessive relational intrusion. In *International Communications Association Convention, San Francisco, CA*.
- Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media and Society*, 4(1), 71–92.

- <https://doi.org/10.1177/14614440222226271>
- Strawhun, J., Adams, N., & Huss, M. T. (2013). The Assessment of Cyberstalking: An Expanded Examination Including Social Networking, Attachment, Jealousy, and Anger in Relation to Violence and Abuse. *Department of Psychology Creighton University, 28*(4), 715–731.
- Strickland, B. P., & Dent, J. (2017). Online harassment and cyber bullying, (07967).
- Suler, J. (2004). The Online Disinhibition Effect. *CyberPsychology & Behavior, 7*(3), 321–326. <https://doi.org/10.1089/1094931041291295>
- Thurlow, C., & McKay, S. (2003). Profiling “new” communication technologies in adolescence. *Journal of Language and Social Psychology, 22*(1), 94–103. <https://doi.org/10.1177/0261927X02250060>
- van de Weijer, S. G. A., & Leukfeldt, E. R. (2017). Big Five Personality Traits of Cybercrime Victims. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 20*(7), 407–412. <https://doi.org/10.1089/cyber.2017.0028>
- Welsh, A., & Lavoie, J. A. A. (2012). Risky eBusiness: An examination of risk-taking, online disclosiveness, and cyberstalking victimization. *Cyberpsychology, 6*(1). <https://doi.org/10.5817/CP2012-1-4>
- White, W. E., & Carmody, D. (2018). Preventing Online Victimization: College Students’ Views on Intervention and Prevention. *Journal of Interpersonal Violence, 33*(14), 2291–2307. <https://doi.org/10.1177/0886260515625501>
- Wick, S. E. (2015). Cyber abuse and College Students: New Risk Factors in Intimate Partner Violence. *The University of Texas at Arlington*, (August), 60.
- Williams, F. P., McShane, M. D., & Scalia, V. (1999). *Devianza e criminalità*. Il Mulino
- Worsley, J. D., Wheatcroft, J. M., Short, E., & Corcoran, R. (2017). Victims’ Voices: Understanding the Emotional Impact of Cyberstalking and Individuals’ Coping Responses. *SAGE Open, 7*(2). <https://doi.org/10.1177/2158244017710292>
- Wright, M. F. (2017). Parental mediation, cyberbullying, and cyber trolling: The role of gender. *Computers in Human Behavior, 71*, 189–195. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.059>
- Wright, M. F. (2018). Cyberstalking Victimization, Depression, and Academic Performance: The Role of Perceived Social Support from Parents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 21*(2), 110–116. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0742>
- Yar, M. (2005). The Novelty of ‘Cybercrime’: An Assessment in Light of Routine

- Activity Theory. *European Journal of Criminology*, 2(4), 407–427.
<https://doi.org/10.1177/147737080556056>
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2012). Internet Prevention Messages. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(2), 138.
<https://doi.org/10.1001/archpedi.161.2.138d>
- Yucedal, B. (2010). Victimization in Cyberspace: An Application of Routine Activity and Lifestyle Exposure Theories, (August).

Anexos

Anexo A- Questionário Sociodemográfico

Idade:

Sexo: Masculino / Feminino

Habilitações Literárias Completas:

Sem escolaridade

1º Ciclo (1º a 4º ano)

2º Ciclo (5º a 6º ano)

3º Ciclo (7º a 9º ano)

Ensino Secundário (10º a 12º ano)

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outro

Situação Profissional:

Estudante

Desempregado

Empregado

Reformado

Estado Civil:

Casado/a ou em União de Facto

Solteiro/a

Divorciado/a

Viúvo/a

Há quanto tempo começou a utilizar redes sociais?: _____

Quantas redes sociais utiliza (Ex: Facebook; YouTube; WhatsApp; LinkedIn; Twitter):

Uma

Duas

Três

Quatro ou mais

Anexo B- Exposição Online

Usando uma escala de “Nunca” a “Sempre”, por favor indique numa semana normal, com que frequência utiliza a internet para cada uma das seguintes finalidades.

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre

- a. E-mail _____
- b. Descarregar música, filmes ou episódios de Tv/séries _____
- c. Multi-User Dimensions (MUDs) ou Dimensões multiusuário _____
- d. Fóruns _____
- e. Serviços bancários _____
- f. Compras (e.g., eBay) _____
- g. Jogos de apostas (e.g., Poker online) _____
- h. Jogos de fantasia (jogos de fantasia) _____
- i. *Chats* _____
- j. Mensagens instantâneas _____
- k. Sites de desporto _____
- l. Sites de encontros online _____
- m. Sites de entretenimento ou de notícias “cor-de-rosa” _____
- n. Fazer trabalhos escolares ou formativos _____
- o. Redes Sociais (e.g., Facebook, Myspace) _____
- p. Lista de emails/Grupos de notícias _____
- q. Blogs _____

Anexo C- Revelação Online

Numa escala de “Muito Provável” a “Muito Improvável”, por favor indique qual a probabilidade de partilhar ou publicar as seguintes informações sobre a sua conta de rede social online (Ex. Facebook, MySpace).

1	2	3	4	5
		Nem		
Muito		Provável		Muito
Improvável	Improvável	nem	Provável	Provável
		Improvável		

- a. Endereço de email _____
- b. Número de telefone ou telemóvel _____
- c. Estado de relacionamento atual _____
- d. Morada atual _____
- e. Imagens de si próprio a beber álcool _____
- f. Ideologia política _____
- g. Mexericos ou rumores acerca de amigos ou pares _____
- h. Nome de utilizador e aplicações de mensagens instantâneas _____
- i. Imagens de si próprio a usar drogas ilícitas _____
- j. Ideologia religiosa _____
- k. Área ou programa de estudo atual (ou também tema) _____
- l. Referencias negativas acerca da administração ou funcionários da universidade _____
- m. Imagem de si próprio numa fotografia central (i.e., fotografia de perfil) _____
- n. Horário do curso/aulas _____
- o. Orientação sexual _____
- p. Notícias, mini-feeds, ou atualizações pessoais _____
- q. Referências negativas acerca da tua escola ou professores _____
- r. Atividades ou passatempos pessoais _____
- s. Comentários ou notas no mural _____
- t. Imagens de si próprio em poses improprias ou sugestivas _____
- u. Planos para o fim de semana _____
- v. livros, filmes ou séries favoritas _____

w. Interesses ou preferências de namoro _____

x. Lista de amigos _____

Anexo D- Escala de Avaliação de Cyberstalking

Ao longo da sua vida, com que frequência alguém o(a) perseguiu obsessivamente através de meios eletrônicos (computador, mail, salas de chat, etc.) por um período de tempo, com o intuito de estabelecer uma relação de intimidade que não desejava?

Responda às seguintes questões de acordo com a seguinte escala de resposta:

0-nunca; 1- uma vez; 2- duas a três vezes; 3- quatro a cinco vezes; 4- mais de cinco vezes. Já alguém comunicou consigo ou perseguiu-a(o) de modo obsessivo e indesejável através do computador ou outros meios eletrônicos, tais como...

Nunca / Uma vez / 2 a 3 vezes / 4 a 5 vezes / Mais de 5 vezes

Enviar objetos de afeto

(e.g., poesia, músicas, postais eletrônicos, elogios, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar mensagens exageradas de afeto

(e.g., expressões de afeto que implicam uma relação mais íntima do que a que possuem, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar mensagens excessivamente reveladoras

(e.g., inapropriadamente dar informações privadas acerca da sua vida, corpo, família, passatempos, experiências sexuais, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar mensagens excessivamente “carentes” ou exigentes

(e.g., pressionar para o ver, convidar para sair, discutir consigo para que lhe dê “uma nova oportunidade”, etc.)

0 1 2 3 4

Constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para a sua rede social

(e.g., marcar as suas fotos, convidar para se juntar a grupos, publicar no seu mural, questionar acerca dos seus posts, etc.)

0 1 2 3 4

Assediar o seu avatar num grupo cibernético

(e.g., revelar a identidade do seu avatar, persegui-la(o), interferir com as suas atividades ou a de outros, de maneira irritante, num espaço cibernético fictício, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar imagens ou mensagens pornográficas/obscenas

(e.g., fotografias ou desenhos de pessoas nuas, ou pessoas ou animais em actos sexuais, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar mensagens escritas ameaçadoras

(e.g., insinuar feri-la(o), à sua propriedade, à sua família, aos amigos, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar mensagens de assédio sexual

(e.g., descrever actos sexuais hipotéticos entre os dois, fazer comentários depreciativos de carácter sexual, etc.)

0 1 2 3 4

Enviar fotografias ou imagens ameaçadoras

(e.g., imagens de

mutilação real ou implícita, sangue, desmembramento, destruição de propriedade, armas, etc.)

0 1 2 3 4

Expor informação privada sobre si aos outros

(e.g., enviar emails a outros sobre os seus segredos, informação embaraçosa, números não listados, etc.)

0 1 2 3 4

Fingir ser alguém que não é

(e.g., representar-se enganosamente como uma pessoa diferente ou de outro sexo, assumir uma falsa identidade, estatuto ou posição, fingir ser você, etc.)

0 1 2 3 4

Sabotar a sua reputação

(e.g., espalhar boatos sobre si, sobre as suas relações ou actividades, amigos, família, parceiro, etc.)

0 1 2 3 4

Sabotar a sua reputação no trabalho/escola

(e.g., espalhar boatos sobre si, sobre as suas relações ou actividades em redes organizacionais, fóruns electrónicos, etc.)

0 1 2 3 4

Tentar desativar o seu computador

(e.g., fazer download de um vírus, enviar mensagens em excesso que o sistema não suporte, etc.)

0 1 2 3 4

Obter informação privada sem permissão

(e.g., disfarçadamente mexer nos ficheiros do seu computador, voice-mail, ou os ficheiros do seu colega de trabalho, amigo ou membro da família, etc.)

0 1 2 3 4

Usar o seu computador para obter informações sobre outros

(e.g., roubar informação sobre os seus amigos, família, colegas de trabalho, etc.)

0 1 2 3 4

Colocar escutas no seu carro, casa, escritório

(e.g., colocar de modo escondido um aparelho de escuta ou gravação, etc.)

0 1 2 3 4

Modificar a sua identidade eletrónica

(e.g., invadir o seu sistema e alterar a sua assinatura, informação pessoal, ou como se apresenta electronicamente, etc.)

0 1 2 3 4

Apoderar-se da sua identidade eletrónica

(e.g., fazer-se passar por si perante outros em salas de chat, fóruns, pornografia ou sites para solteiros, etc.)

0 1 2 3 4

Dirigir outros para si de formas ameaçadoras

(e.g., fingir ser você em salas de chat e solicitar actos sexuais de risco, fantasias de rapto, etc.)

0 1 2 3 4

Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois segui-lo(a)

(e.g., segui-lo(a) enquanto conduz, no campus ou no local de trabalho, até ou desde o ginásio, ou outras actividades sociais, etc.)

0 1 2 3 4

Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois intrometer-se na sua vida

(e.g., aparecer de surpresa no trabalho, na porta, no estacionamento, intrometer-se nas suas conversas)

0 1 2 3 4

Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois ameaça-lo(a)

(e.g., ameaçar iniciar coação sexual, violação, controlo físico, ou magoar-se a si próprio, os seus pertences, animais de estimação, família, ou amigos)

0 1 2 3 4

Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois feri-lo(a)

(e.g., corresponder-se através de um serviço de encontros on-line, ou como alguém conhecido, e depois seguir, assediar, ou perseguir)

0 1 2 3 4

Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois persegui-lo(a)

(e.g., corresponder-se através de um serviço de encontros on-line, ou como alguém conhecido, e depois seguir, assediar, ou perseguir)

0 1 2 3 4

Outros meios não mencionados acima

0 1 2 3 4

Anexo E- Questionário de Vitimação

Nos últimos 5 anos foi vítima de algum tipo de crime?

Sim/ Não

Qual foi o tipo de crime de que foi alvo? _____

Descreva os danos sofridos (físicos/psicológicos/materiais)? _____

Refira em que altura ocorreu o crime _____

Refira onde se deu a ocorrência do crime:

Em casa /na rua / no computador

Na altura do crime encontrava-se:

Sozinho/a

Acompanhado/a

Não sabe

O ofensor era alguém:

Conhecido / Estranho / Não sabe

Contactou as autoridades?

Sim/Não

